

○ Professor Henri Breuil

Pelo

DOUTOR MANUEL HELENO

Professor Catedrático da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico

Quando o Rev. P.^o Breuil se iniciou na Pré-História em 1890, já esta jovem ciência se encontrava fortemente alicerçada na vitória de Boucher de Perthes sobre os adversários do homem antediluviano; já estava assente na ordenação geral que Lartet, com base na Paleontologia, criara para os tempos pleistocenos e na sistematização que Gabriel de Mortillet, lançando mão da tipologia, conseguira estabelecer para as indústrias pré-históricas.

A antiguidade do homem que durante muito tempo se calculara em cerca de 6 000 anos tinha sido projectada assim muito para além...

Não se acreditava porém na arte quaternária, que se julgava uma falsificação dos jesuítas e até dum moço investigador que se iniciava então chamado Henri Breuil.

Mestres, como Cartailhac, outro arqueólogo francês credor da pré-história portuguesa, duvidaram também, embora este nobremente se retratasse em «*Meia culpa d'un sceptique*».

Ao paleolítico antigo faltava uma organização com base na Geologia — nos terraços fluviais e nas praias antigas — e ao leptolítico, para empregar a nomenclatura de Breuil, um estudo cultural apoiado na fauna, na indústria e nas produções artísticas.

O mesolítico julgava-se um hiato, na crença de que o homem acompanhara os gelos no seu recuo para a linha actual.

Todo este quadro se vai porém modificar e o maior obreiro dessa renovação foi o Prof. Henri Breuil.

*
* *

Três estímulos concorreram para despertar a vocação pré-histórica de Henri Breuil.

Em primeiro lugar seu Pai que se dedicava à Entomologia e o associava, quando menino, à colheita de coleópteros, criando-lhe assim o gosto das ciências naturais, que hoje professa com a mais alta competência e fervor. Com que emoção ele fala ainda da primeira borboleta que tomou nos campos de lucerna da sua terra natal!

Em segundo lugar o geólogo abevilense d'Ault du Mesnil, que lhe abre o caminho da Geologia e Osteologia comparada.

Finalmente o professor do Seminário d'Issy, P.^o Guibert que lhe põe nas mãos as obras de Mortillet e Cartailhac e a revista «L'Anthropologie». É ainda pelo braço d'Ault du Mesnil que vai a Saint-Acheul e a Ábeville e pode evocar, no Museu local, as páginas épicas da vida primitiva, em frente dos restos duma fauna gigantesca e dos rudes instrumentos de que o homem se utilizava!

Foi também d'Ault que lhe proporcionou a participação nas escavações de Campigny e lhe sugeriu uma proveitosa peregrinação pelas estações clássicas do S. W. da França. Foi então que conheceu Piette, viu as suas colecções e pôde admirar as manifestações artísticas do paleolítico superior. Estas foram, como ele diz, o relâmpago que lhe iluminou o caminho a seguir!

A descoberta pouco depois da extensa gruta de Combarelles, com uma série de cavalos gravados, seguida logo pela do labirinto de Font-de-Gaume, com uma galeria de pintura naturalista, e a visita ao santuário de Altamira, com as suas salas plenas de misteriosa beleza, encheram-lhe o espírito dum verdadeiro deslumbramento e da ânsia de resolver os problemas fundamentais da idade da rena: a sua estratigrafia industrial e a interpretação da sua arte.

*

* *

Foi no Congresso de Génova de 1912 que o Rev. P.^o Breuil apresentou as suas «*Subdivisions du Paléolithique supérieur et leurs signification*», que 45 anos depois, são, neste filme que é a Pré-História, ainda a base do que se escreve sobre tal época. Com efeito, a revisão, aliás imprecisa, tentada por Perony, e a mais consistente de Miss Garrod, esta de 1936, apesar do alargamento do campo de investigação e dos novos elementos que se foram carreando, estão contidas na criação de Breuil e não são mais do que um desenvolvimento da mesma.

*

* *

Foi porém a arte rupestre que absorveu a maior parte da vida deste sábio pré-historiador, ou debruçado sobre as colecções; ou desenhando, às vezes deitado de costas, à luz de lâmpadas ou velas, no interior das cavernas; ou percorrendo serranias, indiferente ao clima e à perseguição dos lobos, à procura de abrigos ou rochas gravadas ou pintadas!

E assim deste modo pôde, na arte mobiliária, estabelecer a sucessão dos estilos, as linhas de evolução, ora do esquema para a figura ora desta para o esquema, e à margem a extensão das migrações e a área da expansão das trocas; pôde, na arte parietal, ajudar a liquidar as dúvidas sobre a autenticidade das cavernas pintadas, da cronologia neolítica que lhe era atribuída, e publicar, com o auxílio do Príncipe de Mónaco, seis magníficas monografias sobre «*Les peintures et gravures murales des cavernes paléolithique*»: I — Altamira. II — Font-de-Gaume. III — Cavernes cantabriques. IV — Pasiéga (Santander). V — Pileta (Málaga). VI — Combarelles; pôde ainda olhando o todo, perscrutar a origem e a evolução da arte, desde as incisões e traços aurignacenses até aos frescos madalenses e às figuras barrocas do azilense e definir o ciclo franco-cantábrico com o seu naturalismo, às vezes intelectual, as suas figuras-retratos, as suas composições, sem ideia de conjunto, mas ricas dum belo impressionismo.

Um trabalho de síntese veio a lume em 1952: «*Quatre cents siècles d'art pariétal*». Nele aborda o Prof. Breuil os mais importantes problemas da arte paleolítica, a descrição das principais grutas pintadas, das quais destacarei a de Lescaux, descoberta em 1940 e rival da de Altamira no título de «Capela Sixtina da arte quaternária».

*

* *

Em 1908, Cabré de Aguiló descobria a arte rupestre da Espanha oriental e um novo campo de investigação se abre para Breuil.

Com Burkitt, Obermaier, Wernet e alguns arqueólogos espanhóis revela, a partir de então, em abrigos ao ar livre, uma arte, cujos temas, o momento culminante dum combate, o instante dramático duma caçada, são tratados sinteticamente, com emoção e extraordinário movimento, como se fosse um futurismo de há 20 000 anos.

As suas afinidades com as pinturas sul-africanas e a sua superioridade psicológica em relação à província franco-cantábrica levantaram dois problemas:

- 1.º — Qual a sua origem, europeia ou africana?
- 2.º — Qual a sua cronologia, paleolítica ou mesolítica?

O prof. Breuil responde afirmando as suas relações com o aurignacense nórdico e defendendo, com base nas sobreposições de Minateda, a idade quaternária das ditas produções artísticas e a sua perduração até ao mesolítico. As escavações da gruta de Parpalló, realizadas por Pericot, vieram dar-lhe razão. Contudo o desejo dum mais profundo conhecimento da arte rupestre africana levou-o ao Transvall de 1942 a 1945, ao Quénia de 1947 a 1949 e de novo à África do Sul e Rodésia de 1950 a 1951. Os resultados destas campanhas, de que beneficiaram também Angola e Moçambique, está-os revelando em conferências, algumas feitas em Portugal.

*

* *

Muitas vezes os abrigos parecem palimpsestos: as pinturas sobrepõem-se e por cima de todas apresentam-se em regra as esquemáticas. Este convívio com elas conduziu o Prof. Breuil ao seu estudo na península ibérica e à publicação com os elementos colhidos, — representações de animais selvagens em estilo seminaturalista, de animais domésticos, de figuras humanas em diferentes fases de evolução, de ídolos, carros, etc., primeiro, de colaboração com Burkitt, em Inglaterra, de «*Rock paintings of Southern Andalusia*», depois, em França, de «*Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Iberique*», em quatro formosos volumes, referidos o 1.º ao Norte do Tejo, o 2.º à bacia do Guadiana, o 3.º à Serra Morena, o 4.º à Espanha oriental. Este último trabalho interessa muito, como veremos, à arqueologia portuguesa.

*

* *

As conveniências do seu ensino no Instituto de Paleontologia Humana, onde começou a trabalhar em 1918, levaram-no ao estudo do paleolítico antigo do Norte da França e conseqüentemente a retomar as investigações de Commont nas aluviões do Somme, que durante muitos anos tivera ocasião de acompanhar.

Trabalho difícil que requeria, dado o aspecto caótico e perturbado das formações, uma perseverança, um poder anatómico, uma capacidade de relação verdadeiramente excepcionais.

As suas observações, completadas com outras que fez em Inglaterra e posteriormente no Sul da França nos terraços do Garona, a descoberta de novas indústrias, da sua sucessão e localização cronológica permitiram-lhe lançar muita claridade nas sombras e penumbras dos primeiros tempos do homem e mostrar um novo panorama do paleolítico antigo: dois ciclos culturais simultâneos, o do coup-de-poing na África e Europa Ocidental, representado pelo abevilense, acheulense, micoquense e languedocense e o ciclo das lascas, coincidente em regra com os períodos frios, com os estádios clatonense, taiacense e levaloisense.

O mustierense não seria mais do que a fusão de elementos das duas culturas citadas.

Todo o esqueleto portanto do paleolítico europeu se deve ao labor e capacidade do Prof. Breuil. E deve-se-lhe, como dissemos, a revelação do génio artístico do homem pré-histórico ocidental.

Eis em linhas gerais a sua obra. Nela está sempre presente a audácia do renovador, aliada à moderação colhida na análise e na meditação.

«Ser ao mesmo tempo atrevido e prudente, saber usar, saber pesar, saber perseverar», tal a sua divisa e o segredo do seu triunfo.

E o homem mantém-se ao mesmo nível do sábio nos seus 80 anos de mocidade, no seu desinteresse, no seu desejo de servir, no reconhecimento do que deve aos outros. Foi ao seu professor de instrução primária que ele comunicou, em primeiro lugar, a sua nomeação para a cadeira de Pré-História, criada propositadamente para si no Colégio de França! Ele dera-lhe a ler o relato da descoberta de Aurignac aos 8 anos!

*

* *

Não posso terminar sem dedicar algumas palavras à sua acção em Portugal. Por quatro vezes recebemos os benefícios do seu saber: — Em 1916, em 1918, em 1941 e 1942.

Em 1916 estuda as pinturas da Esperança, descobre a estela eneolítica da mesma região, de que dá notícia na revista «*Terra Portuguesa*», n.ºs 13 e 14, 1947 (*La roche peinte de Valdejunco à la Esperança-Portalegre*).

Preso por espião é levado, qual Sancho Pança, atrás da guarda montada, para Arronches, e, enquanto espera a libertação, o polícia, que o vigia, tem a pouco simpática, mas feliz ideia de lhe mostrar o cemitério. Ali descobre, num terraço com estratigrafia, uma importantíssima estação do paleolítico antigo, de que trata no vol. XXIV do «*Arqueólogo Português*», pág. 47 («*La station paléolithique ancienne d'Arronches-Portalegre*») e no tomo XXVIII de «*L'Anthropologie*» («*Glanes paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*»).

Em Junho de 1918 volta a Portugal e profere na Sociedade de Geografia, presidindo Bramcamp Freire, duas notáveis conferências; percorre

museus oficiais e particulares, estações de superfície e cavernas da Estremadura e de tudo dá uma síntese nas suas «*Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne*», publicada na «*Terra Portuguesa*», 1918, n.ºs 27 - 28. Ali, caracterizando a indústria do Casal do Monte, levantando o problema do paleolítico superior, do madalenense da Cezareda, do pseudo-campiniense de Monsanto e da classificação das indústrias dos concheiros de Muge, indica caminhos à nossa investigação.

Nos volumes I, II e IV do seu notável trabalho sobre «*Peintures Rupestres Schematiques de la Península Iberique*» também descreve as rochas pintadas de Portugal — O Cachão da Rapa (Trás-os-Montes) e a Pala Pinta de Carlão (Alijó) e as pinturas dolmênicas da Casa dos Moiros da Sobreda (Oliveira do Hospital), das orcas, ao Norte de Viseu, como Sátão, Bouza (Queiriga), Fojinho, Juncais, Tanque, Forles e Cota e dum outro grupo ao Norte do Douro constituído pelas antas da Pala da Moura e de Zedas (Vilarinhos da Castanheira), pelo dólmen do Padrão (Baltar-Paredes) e pelos de Sales (Tourem e Pitões — Minho); também se ocupa das pinturas rupestres de Nossa Senhora da Esperança (Portalegre) e no último volume novamente do Cachão da Rapa e de algumas manifestações artísticas do nosso eneolítico, como cerâmica ornada, machados, placas, representações funerárias cilíndricas de calcário ou planas de xisto. De todos estes elementos se conclui a feição original da arte pré-histórica no território lusitano.

Foi porém em 1941 e 1942 que a sua acção mais se fez sentir em Portugal. Dum salto se passava do quase nada que se sabia sobre paleolítico para a vanguarda desses estudos na península ibérica.

Com o seu curso na Faculdade de Letras de Lisboa, cujas lições foram publicadas com achegas de Lantier com o título «*Les hommes de la pierre ancienne*», 1951, com os trabalhos de Seminário realizados no Museu Etnológico do D.ºr Leite de Vasconcelos difundiu as suas ideias e divulgou entre nós os seus métodos.

Sinto-me feliz de, propondo à Faculdade de Letras de Lisboa a sua colaboração, ter concorrido alguma coisa para isso.

Nos Serviços Geológicos reviu todas as colecções e com a participação de Zbyszensky e auxílio de Vaultier, percorre grande parte da nossa costa em reconhecimento de praias levantadas e dos terraços de alguns rios, e com os materiais das estações encontradas e das suas relações com

a Geologia, constrói uma das obras fundamentais da pré-história peninsular, inserta nos tomos XXIII e XXVI das «*Comunicações dos Serviços Geológicos em Portugal: — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*».

Pode-se argumentar que o seu critério de classificação, baseado nas pátinas e no desgaste, nem sempre oferece segurança; pode-se alegar que, faltando uma fauna característica, os caracteres altimétricos das praias quaternárias não são suficientes para uma base cronológica.

Mas não se pode negar que a grande soma de observações e materiais colhidos convergentes e concordantes, dão ao edifício uma estrutura segura e racional e um amplo horizonte.

Por isso a Faculdade de Letras de Lisboa lhe quis exprimir o seu apreço e reconhecimento, concedendo-lhe o seu mais alto grau científico.

